

---

MÚSICA

30 MAIO '08

TOUMANI

DIABATÉ

---

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

*Culturgest*



SEX 30 MAIO 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H15 · M/12

Toumani Diabaté – Corá

TOUMANI DIABATÉ é um dos mais importantes músicos de África. Toca corá, uma espécie de harpa com 21 cordas, com uma caixa de ressonância feita de meia cabaça fechada com pele de vaca. Mais do que qualquer outro tocador de corá é ele o responsável por levar este instrumento junto do público de todo o mundo.

É um músico de um virtuosismo e criatividade excepcionais – alguém que demonstra como a corá pode rivalizar com os melhores instrumentos do mundo.

Toumani nasceu em Bamako, a capital do Mali, em 1965, numa família excepcional de *griots* (as famílias *griots*, são as depositárias de uma longínqua tradição oral, seja na música ou na história; Toumani disse que “se a África Ocidental fosse um ser vivo, o *griot* seria o seu sangue; enquanto *griots* nós somos a memória, a ligação entre a sociedade e o passado”). A investigação que fez sobre as suas origens revelou a existência de 71 gerações de tocadores de corá que se sucederam de pais para filhos. O mais notável foi o seu pai, Sidiki Diabaté (c. 1922-1996) um tocador de corá com uma fama lendária na África Ocidental – designado “Rei da Corá”, em 1977, pelo muito falado Festival Africano de Artes e Culturas, Festac (que apenas teve uma edição, essa de 1977), é uma inspiração permanente para todos os tocadores de corá até aos nossos dias.

Sidiki nasceu na Gâmbia, filho de pais do Mali. Fixou-se no Mali depois da II Guerra Mundial onde se tornou famoso pelo seu estilo virtuoso, “quente” e idiossincrático (cujos ecos se podem ouvir no estilo de Toumani). Depois de o Mali se tornar independente, Sidiki, com a sua primeira mulher, mãe de Toumani, a cantora Nene Koita, foi convidado a juntar-se ao Conjunto Instrumental Nacional – um grupo apoiado pelo Governo e formado para celebrar a riqueza da cultura do Mali. Sidiki e Nene foram muito protegidos pelo primeiro presidente do Mali, Modibo Keita, que lhes deu a terra onde construíram a casa de família, que ainda existe, perto do palácio presidencial em Bamako.

Este foi o ambiente musical em que Toumani cresceu. Mas do seu pai nunca teve lições. Ou apenas teve as que resultavam de o ouvir tocar. Na década de 1960 e, sobretudo, na seguinte, a cena musical de Bamako foi influenciada por sonoridades de outras origens, em especial da música negra americana. A música *soul* era particularmente popular, como eram Jimi Hendrix, Jimmy Smith e grupos *rock* britânicos como os Led Zeppelin. A influência destes sons, e das bandas modernas de Bamako, foram importantes para o desenvolvimento musical de Toumani.

Criança prodígio, Toumani começou a tocar corá com 5 anos de idade.

Nesse tempo o governo do Mali estava empenhado em programas de apoio a conjuntos regionais que representassem as tradições locais. Toumani foi recrutado pelo conjunto de Koulikoro (a cerca de 60 km a leste de Bamako) com o qual fez a sua estreia pública com 13 anos de idade e grande sucesso local.

Em 1994 passou a fazer parte do grupo de jovens músicos que acompanhavam a grande diva Kandia Kouyate, a mais conhecida e poderosa cantora feminina *griot* do Mali, com a qual fez muitas digressões por África, quando ainda só tinha 19 anos.

Toumani herdou do seu pai a ideia de desenvolver a *corá* como instrumento solista e de facto elevou-a a um patamar que ela nunca tinha conhecido. Descobriu uma forma de tocar, em simultâneo, a melodia solo, o acompanhamento rítmico e a linha de baixo, o que normalmente só seria possível com dois instrumentos.

Toumani veio pela primeira vez à Europa em 1986 para acompanhar outro cantor do Mali, Ousmane Sacko e acabou por ficar em Londres sete meses. Nesse período, com 21 anos, gravou o seu primeiro álbum a solo, *Kaira* (que quer dizer Paz), numa única tarde, sem pausas, num estúdio da capital britânica. Foi um álbum completamente inovador, o primeiro disco alguma vez gravado só com solos de *corá* e ainda hoje é um *best seller* e um dos melhores álbuns de *corá* alguma vez publicados. Foi também em 1986 que se apresentou no primeiro festival WOMAD tendo tido logo um grande sucesso.

Durante esse período, no Reino Unido encontrou e trabalhou informalmente

com artistas de diferentes campos da música e de diversas tradições que ele desconhecia até então, como música clássica indiana de onde retirou a ideia de *jugalbandi* (que se traduz no diálogo entre dois instrumentos solistas), que se tornou numa das suas marcas características.

A primeira grande colaboração com músicos de outras tradições, foi com o grupo de flamenco Ketama. A primeira vez que os encontrou eles começaram logo por acompanhar a sua música com o bater de palmas característico do flamenco. Toumani não queria acreditar como é que eles entenderam tão facilmente as complexidades rítmicas da sua música; era como se os músicos de flamenco tivessem escutado desde sempre a tradição musical da *corá* e como se Toumani desde sempre estivesse familiarizado com aquela música cigana. O álbum que daí resultou, *Songhai*, faz uma síntese perfeita entre a *corá* e o flamenco.

Para Toumani, experimentar faz parte do trabalho de um moderno *griot*. “O papel do *griot* é desenvolver a comunicação entre as pessoas, mas não apenas a comunicação relativa ao passado. No Mali eu posso trabalhar da maneira tradicional. Fora do Mali posso trabalhar de outra maneira. Porque não?”.

Em 1990 Toumani fundou a Symmetric Orchestra. Para ele o nome evoca um balanço perfeito – uma simetria – entre tradição e modernidade e entre as contribuições de músicos de países que estão relacionados entre si. Senegal, Guiné, Burkina-Faso, Costa do Marfim e Mali faziam parte do império medieval Mandé. Toumani teve

a ideia de recrear o equilíbrio cultural do Império Mandé num contexto musical moderno. O nome da orquestra aparece pela primeira vez num CD com um projecto de 1992, *Shake The Whole World*, editado apenas no Japão e no Mali. O grupo foi evoluindo e crescendo durante anos e em 2005 gravou o álbum *Boulevard de l'Indépendance*, muito elogiado pela crítica, seguindo-se uma grande digressão internacional.

Na primeira metade da década de 1990, em Bamako, Toumani começou a chamar para junto de si um número de músicos excepcionais, como o excelente Baskou Kouyate, um tocador de *ngoni* premiado internacionalmente (*ngoni* é um instrumento de cordas muito utilizado na África Ocidental, com uma caixa de ressonância de madeira coberta por pele de animal, um braço curto, e um número variável de cordas de nylon, de 4 a 12) ou o discreto mas magnífico Keletigui Diabaté, mestre do *balafon* (espécie de xilofone com reduzido número de teclas e cabaças a servir de caixas de ressonância), músicos que, com Toumani, cultivam um certo som e uma abordagem à música que faz uma síntese, ou recolhe influências, do jazz, da música clássica indiana através da forma *jugalbandi* e da música tradicional dos *griots*, como se torna evidente no álbum *Djelika*, de 1995. Nesse mesmo ano Toumani viajou até Madrid para gravar *Songhai 2*.

Em 1998 gravou um álbum com um dueto de *corá* com Ballake Sissoko. Os pais de ambos haviam gravado na década de 1970 o clássico *Cordes Anciennes* (Cordas Antigas), por isso este novo álbum foi chamado *New Ancient Strings*

(Novas Cordas Antigas), um tributo dos dois músicos ao disco original dos seus pais e uma tentativa para levar um material antigo a audiências modernas.

As relações entre os *blues* e a música da África Ocidental são bem conhecidas. Taj Mahal, uma lenda do *blues*, ouviu e tocou com muitos grandes músicos de *corá* e o que mais o impressionou, como revelando inesperada semelhança com os *blues*, foram as técnicas de tanger a *corá* e outros instrumentos de corda do Mali. “Dizem que os *blues* e o *jazz* vêm de África”, diz Toumani, “A *corá* e o *ngoni* são muito antigos, de séculos. Então pode ser que alguma vez os *blues* tenham sido tocados nesses instrumentos. Gravar um álbum com Taj é como juntar o velho e o novo”. O álbum, *Kulanjan*, foi editado em 1999.

Procurando constantemente evoluir e inovar, o disco seguinte, *MALICool*, com o trombonista americano de *free jazz* Roswell Rudd representou mais uma superação de fronteiras. Os arranjos nesse álbum dão espaço para cada músico improvisar e há algumas peças inesperadas, como a versão do tema *Hank*, de Thelonious Monk, uma versão “suingada” de uma canção folclórica galesa ou uma variação sobre a *Ode à Alegria* da 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven.

Toumani participou em muitas outras gravações no seu país e no estrangeiro. Aparece no álbum de estreia de Ali Farka Touré para a World Circuit; fez digressões com Salif Keita e toca nos seus aclamados álbuns *Papa* e *Mbenda*; participou no projecto de Damon Albarn, *Mali Music* e no álbum de Kasse Mady Diabaté *Kassi Kasse*, nomeado para os Grammy de 2004; em 2007 intervém

na canção *Hope* do álbum *Volta*, de Björk, aparecendo como artista convidado no espectáculo da cantora islandesa no Festival de Glastonbury.

Em 2003 recebeu o “Tamani de Ouro” consagrando-o como o melhor músico de corá do mundo. No ano seguinte obteve o “Zyriab dos virtuosos”, um prémio da UNESCO concedido no Festival Mawazine organizado pelo Rei Mohammed VI de Marrocos. Foi o primeiro africano negro a receber esse prémio.

Toumani é um activo e dinâmico membro da comunidade musical do Mali e exerce grande influência sobre as gerações mais novas. Tomou várias iniciativas no sentido de ajudar a preservar o legado da música tradicional da corá no Mali e de transmitir às gerações mais novas o conhecimento da sua rica herança musical, encorajando-as a explorar as suas possibilidades criativas dentro da música. É Presidente das Produções Mandinka Kora que activamente promove a corá através de *workshops*, festivais e vários eventos culturais. É professor de corá e de música moderna e tradicional no Conservatório das Artes, Cultura e Multimédia de Balla Fasseke, que abriu em Bamako em 2004.

Ainda em 2004 começou a trabalhar com a editora World Circuit numa trilogia de álbuns gravados em sessões no Hotel Mande na capital do Mali. O primeiro a ser editado foi o álbum *In The Heart Of The Moon*, um dueto com Ali Farka Touré que ganhou o Grammy de 2005 para o melhor álbum de *world music* tradicional. O segundo da trilogia foi o já atrás

referido *Boulevard de L'Indépendance*, com a sua Symmetric Orchestra, em que se sintetizam dez anos de experimentação da mais densa, vigorosa, ricamente texturada música que veio de África. O terceiro álbum foi o último registo a solo de Ali Farka Touré (que, como é sabido, faleceu em 2006).

A Symmetric Orchestra firmou uma carreira na cena internacional, realizando concertos em locais como o Carnegie Hall ou participando em Festivais como o de Glastonbury, ou os Festivais de Jazz de Nice e de Montreal.

Em Fevereiro deste ano saiu o segundo álbum a solo de Toumani Diabaté, *The Mandé Variations*. A crítica recebeu-o enciumisticamente. Citam-se apenas dois exemplos entre muitos outros possíveis. Luís Maio, no *Público*, deu-lhe nota máxima, cinco estrelas, e refere “aquilo que é difícil ou impossível explicar, que é o encanto e a hipnose que esta música dissemina”. A *Jazzman* atribuiu-lhe o *Choc* (que corresponde à nota máxima) e o seu crítico Sebastian Danchin escreveu: “Canções de amor, odes à humanidade e melodias mandingas sucedem-se (...) num fogo de artifício de ritmos e de *grooves* de uma beleza intemporal, tendo por único guia a arte da improvisação”.

É este disco magnífico que está na base do concerto desta noite.

(adaptado, com alguns acrescentos, da biografia fornecida pela editora World Circuit – [www.worldcircuit.co.uk](http://www.worldcircuit.co.uk) – por sua vez baseada num texto original de Lucy Duran com adaptações e textos adicionais de Dave McGuire.)

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
DANÇA QUI 5 · SEX 6 JUNHO

# Coisas Maravilhosas

De Tiago Guedes

Grande Auditório · 21h00 · Duração 1h05 · M/12

(...) Faz já dois anos que enviei um pequeno vídeo de *Egyptian Reggae*, música mítica de Jonathan Richman, que na altura teve o carácter de uma anedota, aquele género de links que enviamos nos momentos perdidos. Mas nesse pequeno vídeo Tiago viu uma porta de entrada para trabalhar sobre algo que ele andava à procura, material coreográfico em sítios inusitados. Rapidamente compreendi que este vídeo “saltitão” iria contaminar todo o processo de trabalho desta nova peça que estaria a nascer. O projecto de origem parecia agora longe, antes falava-se de matérias a esculpir, agora de palmeiras e de camelos a dançar. O foco parecia romper com a ideia de “bom gosto” e de ambiente sério. Nada de realmente claro para dizer a verdade mas uma vontade lúdica de romper com um discurso obrigatório e formatado (esse das expectativas quando os coreógrafos se tornam “sérios”) tentando agarrar a tangente da “ligeiriza”.

(...) Como os seus estranhos exploradores que dançam ao meio da cenografia

contilante, ele semicerra os olhos para ver melhor, melhor trabalhar os detalhes. Eles querem encontrar algo no vazio do palco... coisas maravilhosas.

Compreendi pouco a pouco que ele chegou finalmente a algo que tinha previsto, talvez sem o saber, talvez indirectamente escolhendo inúmeros desvios. É nesta paisagem desértica e pop, onde o olhar encontra dunas em movimento, que não sabemos bem onde estamos. Reconhecemos formas, que pensamos ser miragens, improváveis e longínquas: cabarés, Béjart, Nijinsky, Cunningham, Herzog, discursos místicos dos anos 70...

À saída da estreia no Vivat (1 de Fevereiro 2008, Armentières, França) ninguém parecia ter visto a mesma coisa. Ainda não sabemos onde se situa *Coisas Maravilhosas*, a que distância na paisagem da dança contemporânea. Tentemos ver juntos.

FLORENT DELVAL

INTEGRADO NO ALKANTARA FESTIVAL 2008

Fotografia: Dimitri Wazemski



Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

### PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

### VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

### ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

## ASSESSORES

### DANÇA

Gil Mendo

### TEATRO

Francisco Frazão

### ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

### SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

## EXPOSIÇÕES

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente

### PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

### PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

### MONTAGEM

Fernando Teixeira

### CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Afonso Cabral ESTAGIÁRIO

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

## COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragón ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt